

A HISTÓRIA DE NOSSA PEDAGOGIA SURDA: PEDAGOGIA CULTURAL

The history our deaf pedagogy: cultural pedagogy



Gisele Maciel Monteiro Rangel

Professora do Instituto Federal do Rio Grande do Sul/
Campus Alvorada - IFRS; Doutora em Educação pela
Universidade Federal de Pelotas - UFPEL; Mestrado em
Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul -
UFRGS; Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade
Luterana do Brasil - ULBRA.

Resumo

A pedagogia dos surdos se apresenta como algo fundamental na história da educação dos surdos. Ela surgiu naqueles anos de 1998-2000 como Pedagogia dos Surdos. É fruto de reflexão e ação dos professores e pesquisadores surdos do sul. Os constantes estudos e debates fizeram com que superasse as tramas do bilinguismo e se incorporasse como educação bilíngue. Ela veio para ficar e para fortalecer o Lugar de Fala Surdo.

Palavras chave:

Pedagogia dos Surdos. Educação bilíngue. Cultura Surda. Libras.

Abstract:

The deaf pedagogy presents itself as something fundamental in the history of deaf education. It has started in the years 1998 and 2000 as deaf pedagogy. It is a result of the reflection and the action of deaf teachers and researchers from the south of Brazil. The constant studies and debates made it able to overcome the bilingualism plot and to incorporate it as bilingual education. It has come to stay and to fortify the place of deaf speech.



**LEIA EM LIBRAS ACESSANDO O
QR CODE AO LADO OU O LINK**
https://www.youtube.com/channel/UCosR0a_gJVuT-26VxiR3cTQ



Canal do DDHCT INES no YouTube

1. INTRODUÇÃO

Com a Constituição de 1988 favorecendo os movimentos sociais, também ao Movimento Surdo foi surgindo uma nova mentalidade a respeito da educação, bem como aos demais deficientes. Aqueles ainda eram anos em que o tratamento dado deixava nítida a exclusão e o preconceito social. Os surdos iniciamos a participação e houve o esforço de todos no reconhecimento dos nossos direitos educacionais. O principal direito refere-se à preservação da dignidade e à busca da Identidade Surda. Esse direito estava em expectativa e com as discussões internacionais tínhamos duas perspectivas: uma pelo direito à inclusão, que era falado por Salamanca; outra, a criação do Bilinguismo perpassava o velho continente e pegava raízes nas Américas.

Enquanto isso aqui no Rio Grande do Sul - RS, iniciávamos trabalhos como surdos e conquistávamos¹ experiências nas escolas de surdos. Neste solo gaúcho tem várias escolas surdas² já fortalecidas e que hoje estão abandonando os campos do método da Educação Especial.

Nós estávamos convidados a estudar no grupo de Estudos Surdos, onde o nosso orientador Carlos Skliar iniciou na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS - os Estudos Surdos em Educação. Foi aí que iniciamos e passamos a usar uma nova epistemologia a nosso respeito. Foi aí também que apareceu para nós o conceito de "Pedagogia dos Surdos". A partir daí fomos descobrindo como fazer a política verter a nosso favor. Lutamos para incluir a Pedagogia do Surdo no povo surdo e suas escolas.

Neste capítulo, as minhas intenções são de escrever sobre os desdobramentos e legados da história da Pedagogia dos Surdos, sua presença em nossa história cultural, sua lenta evolução no que se iniciou após construirmos nosso documento, o desenrolar posterior, as pesquisas, as aplicações e as reflexões.

Alguns autores ajudam a colocar nestas páginas as conceituações teóricas. Entre eles: Hall (2003), Thompson (2005), Bhabha (1998), Skliar (1998), Silva (2000), Perlin (2006).

Senti ser um assunto de muita importância para a Comunidade Surda a história cultural da Pedagogia dos Surdos. Escrevê-la requer um esforço

1 O bilinguismo entre os surdos do RS já estava em discussão nos idos de 1987 com os professores surdos Wilson e Jefferson Miranda.

2 O RS tem aproximadamente 15 escolas de surdos.

em lembrar. Foi necessário pegar os caminhos percorridos por ela desde o documento “Que educação nós surdos queremos?” e sua descoberta posterior, mediante teorias que comprovam sua existência, a pesquisa nas fontes, atenção aos fatos sucedidos. Espero ser fiel ao pensamento da Pedagogia dos Surdos.

2. OS PRELIMINARES DA PEDAGOGIA DOS SURDOS NO RS

A educação dos surdos sempre esteve presente nas preocupações do Povo Surdo. Muitos líderes surdos se aventuraram no campo do ensino. Naquele dia do inverno de 1998, nós, surdos gaúchos, tivemos um momento marcante em que olhávamos sobre os Direitos Humanos Surdos. Estávamos em Conferência. Era a nossa I Conferência dos Direitos Humanos³. O local era a Sociedade de Surdos do Rio Grande do Sul - SSRS. A maioria dos líderes surdos estava presente, a Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos - FENEIS em peso, alguns representantes de associações de surdos, das escolas surdas e alguns intérpretes. Nosso horizonte era a criação de um norte para o nosso documento dos Direitos Humanos Surdos versando muitos paradigmas políticos, visto que nós participávamos das discussões feitas na Fundação de Articulação e Desenvolvimento de Políticas Públicas para Pessoas Portadoras de Deficiência e Altas Habilidades no Rio Grande do Sul - FADERS, sobre a temática, mas que não tínhamos voz, pois nos tratavam com preconceito e nossa defesa era fraca; portanto, precisávamos do documento. O documento da Conferência seria o primeiro passo para nos encaminhar com nossa voz e nos fazermos respeitar. Um dos assuntos discutidos no documento foi sobre a educação de surdos, e foi um primeiro momento a discutirmos em um grupo grande de surdos sobre a situação de nossa educação. Era o primeiro momento de nossa reflexão sobre a Pedagogia dos Surdos. Além dessa discussão, reunimos vários temas sobre os Direitos Surdos.

Em 1999, estávamos no Núcleo de Pesquisas Políticas Educacionais para Surdos - NUPPES/UFRGS com toda Força e Representatividade Surda perante a comunidade acadêmica. Este Núcleo organizou em Porto Alegre o V Congresso Latino-americano de Educação Bilíngue para Surdos. Fomos convidados a organizar um Pré-Congresso. Pensamos nos organizarmos nos moldes de nossa Conferência dos Direitos Humanos, pois queríamos um documento referente a questões de nossa educação. Queríamos lançar em papel um documento com nossa voz, nossas questões educacionais. Um documento que dissesse como queríamos a educação. Um documento onde estaria como nosso lugar de fala em educação. A FENEIS, tendo a frente seus principais⁴ líderes organizou os trabalhos.

³ Mais tarde, em 2000, teve a II Conferência, onde o primeiro documento foi ampliado para ser entregue à II Conferência Municipal dos Direitos Humanos.

⁴ Os principais representantes dessa pedagogia eram: Andre Reichert, Carlos Alberto Goes, Gisele Rangel, Marianne Stumpf e Wilson Miranda.

O documento começou a ser feito imediatamente depois da I Conferência dos Direitos Humanos, em 1998. Foram feitas inúmeras reuniões na UFRGS e na FENEIS, visando às temáticas da Educação de Surdos. Para isso foram criados diferentes grupos de trabalho - GT- visando aos paradigmas diversos. Os GT visavam principalmente ter presença de surdos e daí os que tinham mais experiência na temática debatiam, os que estavam como participantes falavam sobre suas experiências vividas nas salas da Educação Especial que, por hora, também estava usando a comunicação total para início de experiência de um bilinguismo crítico⁵, pouco simpatizante com o que é do surdo. A educação girava em torno das clínicas de fonoaudiologia. Nisso percebia-se que a fala era o mais importante dos conhecimentos.

Deste evento originou-se o documento importantíssimo para descoberta posterior da Pedagogia do Surdo: “Que educação que nós surdos queremos?”. Este documento é fruto do que nós, surdos, almejávamos e precisávamos em educação. Assim sendo, norteou muitas das discussões que depois envolveram a educação de surdos, principalmente as conquistas que hoje vislumbramos presentes entre nós. O documento cria uma ideia do novo como ato da tradução de nossa pedagogia cultural para “[...] ser parte de um tempo revisionário, um retorno ao presente para redescrever nossa contemporaneidade cultural; reinscrever nossa comunalidade humana, histórica; tocar o futuro do lado de cá” (BHABHA, 1998, p. 26).

Com Bhabha dá para perceber que nosso fazer acontecer a Pedagogia dos Surdos estava emergindo no momento em que começamos a traçar linhas de ação política pela educação de surdos. A nossa pedagogia, expressa no documento, foi fator de início de um movimento que pôde fazer oposição à educação inclusiva proposta mais tarde pelo MEC. Trata-se de uma pedagogia surgida entre os surdos e que se tornou lugar de fala do Povo Surdo.

O Pré-Congresso teve participação expressiva com a vinda dos surdos de outras regiões: nos constituímos num grupo de 300 surdos a aprovar os quesitos propostos. A comissão do Pré-Congresso organizou os GT para, no dia, contribuírem e aprovarem as questões, aproveitando a contribuição de outros Estados em torno dos temas. Estes GT trabalharam na manhã do dia 20 e à tarde iniciou a conferência, onde todos os temas foram colocados, e continuou até o início no dia 21 pela manhã.

3. O DOCUMENTO PRECURSOR

Os tópicos da Pedagogia dos Surdos, sua didática, currículos e política foram

5 O bilinguismo não é a educação bilíngue como muitos afirmam ou misturam. Ele se divide em muitos e cada divisão apresenta um método característico. No bilinguismo, de acordo com Skliar (1998), se apresentam quatro métodos diferentes: 1. bilinguismo tradicional; 2. bilinguismo humanista e liberal; 3. bilinguismo crítico. 4. bilinguismo progressista. A partir desses dados podemos perceber a diferença com a educação bilíngue.

identificados como linhas de ação e organizados pelos coordenadores de GT para serem debatidos pelos surdos presentes.

Para mim era diferente, pois não eram os ouvintes⁶ debatendo, eram os surdos coordenando e fazendo a construção do documento. Iam pensando, descobrindo, se descobrindo, fazendo valer suas ideias, partilhando suas experiências e seus conhecimentos adquiridos em educação. O que chama atenção é que o uso do lugar de fala se iniciava. Isto é importante, pois atribui legitimidade cultural diante das epistemologias usadas pela Educação Especial e as hierarquias sociais. E o discurso do lugar de fala fez firmar o Discurso Surdo, as experiências, a forma de vida e de aprendizagem dos surdos.

Os negros tiveram semelhante experiência, com o uso de epistemologia própria. Cito aqui o que nos conta uma filósofa negra, Djamilla Ribeiro:

[...] quem possui o privilégio social possui o privilégio epistemológico, uma vez que o modelo valorizado e universal de ciência é branco. A consequência dessa hierarquização legitimou como superior a explicação epistemológica eurocêntrica conferindo ao pensamento moderno ocidental a exclusividade do que seria conhecimento válido, estruturando-o como dominante e, assim, inviabilizando outras experiências do conhecimento. (RIBEIRO, 2017, p.15-16).

Segundo a autora, o racismo se constituiu “como a ‘ciência’ da superioridade euro cristã (branca e patriarcal) para as feministas negras”. (RIBEIRO, 2017, p. 16). Essa reflexão nos dá uma pista sobre nós, surdos, a importância de resgatar nossas vozes e fazer valer nossa voz. Foi assim que os surdos chegamos à nossa descoberta epistemológica da Pedagogia dos Surdos.

Foi assim que por nossas próprias ferramentas de luta fizemos surgir e colocamos no papel nossa pedagogia. E nós colocamos lá naquele documento a pedagogia que queríamos e que devia existir para os surdos. Já tínhamos em mente chamá-la de Pedagogia dos Surdos e dar-lhe uma base de como deveria ser na educação dos surdos. Foi assim que nasceu esta pedagogia.

4. A PEDAGOGIA DOS SURDOS E SEU DESENVOLVER

Disse que a Pedagogia dos Surdos surgiu em decorrência direta dos Estudos Culturais e Estudos Pós-Estruturalistas e Estudos Foucaultianos em educação aos quais nos dedicávamos e que deu compreensão mais apurada pelos surdos em torno da expressividade própria. Esse estudo envolveu pesquisadores surdos e ouvintes em pesquisas em torno da relação entre sujeito surdo e identidade cultural. Ela se firmou nos aspectos culturais dos estudantes surdos e também envolveu o «que fazer» do professor surdo em sua compreensão do método de ensinar. A compreensão foi a partir de estudos e entendia que os surdos compomos

⁶ Alguns nomes de ouvintes participaram e opinaram no documento. Entre eles Carlos Skliar, Lodenir Karnopp, Márcia Lunardi, Otmar Teske, Madalena Klein, Liliane Giordani, Adriana Thoma, Maura Lopes, Ricardo Ernani Sander.

um povo, o Povo Surdo e temos como principal característica o uso da visão e não da audição e, com isso, temos a mesma característica em várias etnias, nacionalidades e Línguas de Sinais, bem como o jeito de aprender. E nosso jeito de aprender é através da visão. Somos leitores e não audientes.

Mencionei que a partir de 1998 estavam presentes alguns professores surdos⁷ e eles sabiam o jeito surdo de aprender, uma vez que a comunicação total lhes abriu espaço e as questões do bilinguismo proporcionaram frestas penetráveis à questão do ser surdo. Tanto assim que essas frestas foram importantes para determinarem a Pedagogia Surda.

Esta pedagogia surgiu a partir das experiências dos professores surdos em sua compreensão do método de ensinar. A compreensão foi a partir de estudos e entendia que os surdos compomos um povo, o Povo Surdo e temos como principal característica o uso da visão e não da audição e, com isso, temos a mesma característica em várias etnias, nacionalidades e Línguas de Sinais, bem como o jeito de aprender.

A descoberta da Pedagogia dos Surdos fez com que em torno dela, envolvendo o sujeito na sua cultura como sinal de valorização e o preparar-se diante de estereótipos crescentes a que está sujeito no meio ouvinte, ao mesmo tempo distingue e o leva à sua autenticidade e diferença.

Nesses contextos pedagógicos, os sujeitos surdos percebem a necessária “marcação da diferença” entre eles e os sujeitos ouvintes. Parafraseando Davis (1996), a Pedagogia dos Surdos considera o surdo como “*sujeito leitor*”. O surdo é um sujeito leitor no sentido de que o indivíduo surdo se utiliza dos olhos para compreender e significar o mundo. Temos uma forma de leitura do mundo, ou seja, uma cultura visual que possibilita construir conhecimento e compreender o ambiente ao nosso redor. Diferentemente, o ouvinte é um sujeito verbal/oral - a audição e a fala são seus meios principais de entender o mundo, muito antes da existência da escrita. O sujeito ouvinte-falante se utiliza da cultura visual em menor intensidade do que o surdo.

A visão pedagógica não diz que a Pedagogia dos Surdos é estável, única, imutável. Ela é conduzida como Pedagogia da diferença e se apoia em questões culturais, surdas, sem no entanto ser fixa. É uma diferença múltipla; não uma diferença diversa, mas uma diferença cultural.

5. PEDAGOGIA DOS SURDOS E EPISTEMOLOGIA

Tomaz Tadeu da Silva, professor da UFRGS no ano de 2000, espalhou a ideia de a Pedagogia ter sua teoria de acordo com o contexto em que é dada; por

⁷ Tanto assim que na década de 2000 teve uma corrida para a Pedagogia. Destacamos alguns destes surdos que fizeram o curso no RS, sem contar que também em outras partes do país o mesmo aconteceu: André Reichert, Ana Luiza Caldas, Cláudia Magnus, Fernanda Magnus, Márcia Magnus, Natasha Soares, Tibiriçá Manieri, Margarete Cardoso, Carlos Martins, Juliana Reinheimer e Augusto Shallemberger.

exemplo, a Pedagogia da diversidade utilizada nos espaços da Educação Especial.

Este professor, por sua vez, nos apresenta a Pedagogia como diferença quando centrada no debate cultural “Pedagogia significa precisamente diferença” e prossegue com o pensamento de Blanchot (1969):

[...] fazer Pedagogia significa procurar acolher o outro como outro e o estrangeiro como estrangeiro, acolher outrem, pois em sua irredutível diferença, em sua estrangeiridade infinita, uma estrangeiridade tal que apenas uma descontinuidade essencial pode conservar a afirmação que lhe é própria (Silva, 2000, p. 101).

Quando começamos a refletir sobre este pormenor, nos encontramos com nossa Pedagogia da Diferença⁸ e lhe damos o nome de Pedagogia do Surdo.

Daí foi surgindo uma nova linguagem na Pedagogia: experiência visual, uso da Língua de Sinais, preocupações com a formação dos professores, o uso de professores surdos em sala de aula para oferecer a língua natural. Nós entramos no debate entre Pedagogia de Surdos e Pedagogia para Surdos. Queríamos, na verdade, a Pedagogia dos Surdos.

A entrada no Pós-Modernismo estava feita. Estávamos pensando em nós. Estávamos pesquisando a Pedagogia dos Surdos. A Pedagogia da diferença e os surdos estava clara, era precisamente em 2001. Já discutíamos a Pedagogia dos Surdos e nosso sonho.

Anos mais tarde, provável em 2010, um longo currículo⁹ foi elaborado pela Comunidade Surda para elucidar esta pedagogia da Diferença Surda. Sempre notamos que existia a urgência em fazer mudanças.

6. A CONTRAPROPOSTA DO MEC

Em 2003, o Programa Educação Inclusiva foi adotado pelo MEC, cuja perspectiva propõe o delineamento de ações educacionais que visam superar a presença da exclusão entre os deficientes. A inclusão passa a ser adotada e implementada pela Educação Especial¹⁰. A educação inclusiva é oriunda da Pedagogia crítica. Thompson nos ajuda a percebê-la em sua ambivalência. Segundo Thompson, ela se movimenta em torno de “uma gama de valores e normas que moldam suas estratégias para indicar as habilidades que eles acreditam serem necessárias para os cidadãos consumidores” (THOMPSON, 2005, p. 34). Era isso. Tínhamos que continuar na cultura ouvinte, pois nosso documento foi apenas aceito de leve. Era difícil conquistar espaço para introduzir uma Pedagogia feita por surdos e nas linhas da Pedagogia da Diferença e por nós denominada Pedagogia dos Surdos. Um ou outro professor surdo conseguia introduzir a Pedagogia

8 Perlin, 2006, escreveu um artigo (publicado pela Universidade de Santa Cruz) mostrando esta ligação.

9 O Currículo pela Comunidade Surda na UFSC; posteriormente foi feito numa das salas do Instituto Bilíngue de Palhoça, SC.

10 Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB - a Educação de Surdos sempre se situou como parte mínima da Educação Especial. Esta adota o sistema da educação inclusiva constante na LDB.

de Surdos. Porém, seu trabalho era abafado pela Pedagogia que respeitava os dizeres da Educação Especial. Prevalencia o currículo que era feito e idealizado por ouvintes, sem espaços para o Lugar de Fala Surdo. E estes Espaços Surdos eram negados e a Libras não era creditada como língua de instrução.

Constatávamos sempre um fato, como atestam Rangel e Stumpf (2004): infelizmente, a maioria das pessoas ouvintes, e também muitos surdos, nem conhecem a vida, a pedagogia, as histórias do povo surdo e seus movimentos no RS.

Perante os professores ouvintes, a visão dos surdos é diferente em vista que, segundo as mesmas autoras publicam mais tarde:

Os alunos surdos, muitas vezes veem o professor ouvinte como um sujeito que não os reconhece em sua completude. O mesmo, infelizmente, também acontece na relação com os pais, seus irmãos, seus parentes, os adultos, quase todos ou todos os ouvintes com quem o surdo convive. Quando essas pessoas não se inserem na Comunidade Surda ou não aprendem a Língua de Sinais, os surdos não podem projetar-se neles. Suas expectativas de vida ficam reduzidas a espelhar-se na realidade dos surdos com quem têm oportunidade de conviver. (RANGEL E STUMPF, 2010, p.115)

O mesmo acontece atualmente, mesmo que em menor escala, nas escolas, nos cursos de Libras, em dissertações e teses ou mesmo em Congressos, Seminários ou outros: conta-se a história de surdos e esta história é sempre a mesma, sempre citam Milão de 1888, citam os ouvintes como desbravadores dos surdos. Triste isto e, de nossa parte, muitas vezes recorreremos à advertência de Skliar:

O outro da educação foi sempre um outro que devia ser anulado, apagado. Mas as reformas atuais pedagógicas parecem já não suportar o abandono, a distância, o descontrole. E se dirigem à captura maciça do outro para que a escola fique ainda mais satisfeita com sua missão de possuir tudo dentro do seu próprio ventre (SKLIAR, 2003, p. 27).

Nisso posso enxergar claramente os esforços das políticas de diversidade nas escolas, da inclusão, concordando que parece haver um incômodo que faz emergir dadas imagens ou reproduções construídas, ou seja, representações identitárias do outro surdo e sobre ele.

7. O ENCONTRO EM CAXIAS DO SUL...

Momento muito importante teve no Seminário “Surdos: um olhar sobre as práticas de educação”. Ele aconteceu nos dias 27, 28 e 29 de setembro de 2001, no salão da Universidade de Caxias do Sul – UCS –, na cidade de Caxias do Sul/RS, e foi uma realização da Prefeitura Municipal, promovido pela Secretaria Municipal de Educação.

Esse encontro ocorreu porque os instrutores¹¹ e alguns pesquisadores

11 Instrutores: na época não tinha faculdade Letras-Libras.

surdos quiseram compartilhar as experiências e aprofundar a reflexão sobre o espaço pedagógico e cultural para a prática em educação.

Este seminário teve como objetivos: Socializar a metodologia pedagógica sobre o trabalho dos Surdos e debater as práticas pedagógicas para a educação.

A comissão organizadora do evento que providenciou os debates foi composta por: Tibiriçá Vianna Maineri, Natacha Soares, Margarete Cardoso, Gustavo Perazzolo e Gladis Perlin. Também a SMED de Caxias do Sul e a Escola Municipal de Ensino Fundamental Helen Keller foram parte da organização.

Os palestrantes foram de vários locais do Brasil: Tibiriçá Maineri (RS), Marianne Rossi Stumpf (RS), Gladis Perlin (RS), Wilson Miranda (RS), Gisele Rangel (RS), Luciane Rangel Rodrigues (RJ), Patrícia Luiza F. Pinto (MG), Nelson Pimenta (RJ) e Rosani Suzin (PR).

Entre as temáticas do encontro se destacaram: Cultura Surda, Práticas em Educação, Ensinando na sala de aula, Formação para a Educação, Professor/Instrutor, O Instrutor Surdo.

Este encontro também ofereceu aos participantes oficinas que abordaram as seguintes temáticas: Ensino através da Língua de Sinais, Práticas na sala de aula, Práticas na creche, Ensino da escrita em Língua de Sinais, Poesia e Teatro, Escrita e Leitura.

Cabe dizer aqui que a língua oficial do seminário foi a Libras neste evento e que não foi programado intérprete para a Língua Portuguesa. Verdade é que arrancou protestos por parte dos ouvintes, mas precisávamos ter um momento nosso e mostrar como nos sentíamos no caso da falta de intérpretes.

Contamos com a participação de surdos, em sua maioria. Eles eram de várias cidades do Brasil, como: Municípios do RS - Caxias do Sul, Canoas, Porto Alegre, Gravataí, Novo Hamburgo, Pelotas, Rio Grande, Torres, Passo Fundo, Santa Maria, Flores da Cunha, Bento Gonçalves, Santo Ângelo, Erechim, Carazinho, Sapiranga, Esteio, Canela e Nova Petrópolis; Municípios de Santa Catarina - Itajaí, Palhoça, São José, Criciúma, Chapecó, Camboriú e Florianópolis; Municípios do Paraná - Toledo, Londrina e Curitiba - e de outros Estados - Rio de Janeiro, Minas Gerais, Ceará, São Paulo, Maranhão, Alagoas e Pará.

O Seminário foi um sucesso. Foi realizada avaliação na qual se obteve um bom aproveitamento de todos os temas abordados. Isto nos estimulou a continuar lutando pela melhora da ideia da Pedagogia de Surdos, bem como a desenvolver pesquisas na área pedagógica.

8. UMA PESQUISA SURDA NA UFSC

Queremos continuar mostrando aqui algumas de nossas pesquisas. Perlin, por sua vez, em 2005, desenvolveu na UFSC um projeto de pesquisa para o qual convidou alguns pesquisadores surdos. O projeto teve como título “Surdos: por

uma pedagogia da diferença”. Os objetivos inicialmente propostos no projeto foram preservados no desenrolar das investigações, tendo sido uns mais intensificados pelo uso constante, outros menos explorados. Aqui são transcritos como constavam inicialmente:

- o processo da Pedagogia dos Surdos com base teórico-cultural discutida por diferentes autores.
- Estudar as formas como esta Pedagogia dos Surdos se apresenta.
- Pesquisar a Pedagogia da Diferença como ela se apresenta em relação aos surdos, a fim de identificá-la em suas conjecturas e estratégias políticas.
- Identificar a Pedagogia dos Surdos que está aí nas Narrativas dos Surdos e nas suas práticas.
- Conhecer o processo de construção desta Pedagogia entre os surdos.
- Estudar as diferentes faces dessa Pedagogia dos Surdos.
- Identificar e coligar os elementos constantes desta Pedagogia.
- Identificar perspectivas desta Pedagogia em vista das alteridades, das diferenças e Identidades Surdas.

A pesquisa de Perlin ocupa-se do campo teórico que privilegia os Estudos Culturais. Ela escolhe alguns autores que dão rumos para um contato direto com esta teoria escolhida, muitos dos quais bastante conhecidos, como Stuart Hall (1997; 2003), Kenneth Thompson (2005), Carlos Skliar (2003), Tomaz Tadeu da Silva (2000) e Marisa Vorraber Costa (2005). Cada qual se situa a partir de um contexto em que se consegue sustentar uma diferença e uma convergência de especificidade e prever “manobras” para a Pedagogia da Diferença.

Os resultados da pesquisa mostram que os surdos estavam num tempo de transição, que se mostra longo e onde se notam descentramentos como sujeitos culturais que sentem a presença da cultura própria. Esses descentramentos se localizam num tempo de desafios da diferença que, com suas concepções e práticas, mostram a existência do diferente. Diferentes surgem as culturas, as pedagogias, entre os que não tiveram lugar, os que foram ‘borrados’. Daí que encontramos pedagogias essencialmente outras, não idênticas, e que lutam para serem reconhecidas como autênticas, como nostálgicas, como inerentes às políticas culturais. Sobressaindo-se como diferentes, elas moldam suas diferenças pedagógicas na intenção de se emancipar daquilo que chamamos de velho princípio da identidade universal.

É então que a Pedagogia da Diferença Surda se apresenta simplesmente aos olhos da pesquisadora atenta aos afazeres de diferentes professores/sujeitos surdos como a tentativa da emancipação cultural e pedagógica negada desde séculos inteiros em que o surdo se arrasta sob o dever de se narrar ouvinte, devido primeiramente à norma que Foucault tem identificado como constante da normalidade.

Dentre as muitas conclusões, Perlin cita que os educadores surdos, mesmo que alguns sem saber, sem perceber, são conduzidos naturalmente para a Pedagogia dos Surdos. Eles se empenham em construir uma Pedagogia que coloca os pontos de vista sobre a vida dos surdos a partir dos próprios surdos e excluem pontos de vista dos ouvintes. De tal forma que torna capaz de integrar o sujeito como detentor de uma diferença e como não isolado geograficamente, mas como sendo pertencente a uma nação diferente. E estes constroem a Pedagogia dos Surdos com seus elementos culturais.

9. NO CONTEMPORÂNEO

Dessa forma, aquilo que entendemos por bilinguismo ficou para trás. Citei que o bilinguismo em vigor entre os anos 1985-2013 não é o mesmo da educação bilíngue. A descrição do bilinguismo em suas diferentes modalidades, conforme foi feita por Skliar (1998), mostra que não há possibilidade de a educação bilíngue se enquadrar no bilinguismo. Numa ocasião nós o interrogamos sobre a possibilidade e ele, Skliar, foi enfático em afirmar que o bilinguismo não é a educação bilíngue e que ele termina onde terminam as questões do método adotado pela Educação Especial. Ele difere, devido aos diferentes métodos articulados. Isso significa dizer que a Pedagogia de Surdos não é uma mistura, ela segue a Identidade Surda. A educação bilíngue absorve por inteiro a Pedagogia de Surdos, o Jeito Surdo de aprender e de ensinar. Dessa forma, a Pedagogia dos Surdos se diluiu com o nome de Educação Bilíngue.

Ao findar a segunda década deste início de século, muita discussão sobre a Pedagogia do Surdo já foi absorvida pela Comunidade Surda e hoje abarcada sob o título de Educação Bilíngue. A Educação Bilíngue foi feita em documento e entregue como Relatório ao MEC pelo GT MEC/FENEIS (2014) e, atualmente, as possibilidades de implementação já estão sendo assumidas. Queremos registrar aqui a criação de uma Secretaria de Educação Bilíngue em 2019 no MEC, mediante articulações políticas realizadas pela FENEIS, bem como no ano de 2021 a introdução na LDB da Educação Bilíngue de Surdos.

Sentimos na pele o que foi viver todo esse tempo lutando e refletindo como Povo Surdo pela nossa Pedagogia, mostrando ao mundo quem somos e do que precisamos. Criamos algo de dentro de nossa subjetividade, nosso povo. Tínhamos a representação do que era nosso, nos víamos em nossa Pedagogia, e acertamos dentro da previsão do pós-moderno. Acertamos em matéria teórica do que constituía a subjetividade daquilo que Hall (2003) denomina participantes da cultura e que Bhabha (1998) denomina como saídos do colonialismo. Nossa ideia e reflexão não terminam aqui, continuamos na reflexão e na luta profunda em nossa língua, em nossa Pedagogia, reflexões em nossas cabeças com a Língua de Sinais.

10. POR FIM, CONCLUINDO...

A história não terminou, a Pedagogia do Surdo prossegue linda e forte. Aprendemos com a luta que os caminhos que se fazem juntos são fortes e consistentes, mais ainda sob o impacto cultural.

A língua e a cultura nos deram raízes as quais não conseguiremos arrancar tão facilmente; raízes fortes.

O passado e o presente têm raízes distintas. As mudanças que acompanham cada época ao longo destes mais de 20 anos são fortes e precisas.

Já vinte anos de mudanças? Sim! Vinte anos de conquistas importantes na Pedagogia dos Surdos. Vinte anos que caminham em solo forte, apesar dos difíceis passos; difíceis pelas frestas abertas nos espaços da modernidade, dos quais todos convenhamos ter percorrido.

As mudanças destes 20 anos nos mostram certezas e incertezas do que está por vir.

Preocupa-nos, como surdos, não somente nossa caminhada, preocupa-nos o problema social de hoje, onde não entram somente a criança e o adulto surdo mas também o governo que pode nos tirar destes caminhos e o encontro com o outro, o estranho, o diferente, com sua força e poder, se voltem e é inevitável o conflito, os confrontos e a hostilidade que podem nos tirar a Pedagogia dos Surdos; nos tocam, nos rompem, trazem de volta pontos de dor, de desafios imensos, abismos os quais mal conseguimos ultrapassar.

Preocupa-nos em articular com as outras etnias, denominadas “minorias”, com as quais digladiamos com as presentes forças crescentes, manipuladoras e globalizantes, os ventos do neoliberalismo. Este Pós-Modernismo é atuante ora a favor, porém também bastante desafiador e cheio de armadilhas.

Referências

- HALL, S. A questão multicultural. In: HALL, S. **Da Diáspora: identidade e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- DAVIS, Lennard J. **The politics of deafness**. Washington, DC: Gallaudet University Press, 1996.
- LACERDA, C. B. F. et al. **Estratégias metodológicas para o ensino de alunos surdos**. Material didático ou instrucional - Livro de apoio para a Disciplina Introdução à Língua Brasileira de Sinais Educação à Distância. São Carlos: UFSCAR, 2011.
- PERLIN, G. **Surdos: cultura e pedagogia**. 2006. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/88378969/Surdos-Cultura-e-Pedagogia-Gladis-Perlin>. Acesso em: 13 abr. 2020.
- RANGEL, G.; STUMPF, M. A pedagogia da diferença para o surdo. In: LODI, Ana Claudia Balieiro et al (org.). **Leitura e escrita no contexto da diversidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004.
- RANGEL, G.; STUMPF, M. A pedagogia da diferença para o surdo. In: LODI, A. C. B; MÉLO, A. D. B; FERNANDES, E. (org.). **Letramento, bilinguismo e educação de surdos**. Porto Alegre: Medição. 2012.
- RELATÓRIO GT. **Relatório sobre a Política Linguística de Educação Bilíngue**: Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SECADI, 2014. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=56513>. Acesso em: 10 jan. 2022.
- SILVA, T.T. **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- SKLIAR, C. **Una mirada crítica sobre la educación de los sordos**. Política de las identidades sordas y multiculturalismo. I Congreso Ibero-Americano de educación bilingüe, 1998.
- SKLIAR, C. **Pedagogia (improvável) da diferença**. E se o outro não estivesse aí? Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2003.

